



Reformas abortadas, a falta de resistência e o papel dos EUA

(Continuação da página 7)

Navarro de Toledo, Quartim de Moraes e Moniz Bandeira falam sobre temas abordados por eles no livro

MARIA MARTA AVANCINI
marta.avancini@gmail.com

Na época do golpe de 1964 havia tensões entre grupos sociais e econômicos em razão de reformas sociais e econômicas (por exemplo, a reforma agrária) que se mostravam necessárias e importantes naquele contexto. Que papel o golpe de 1964 desempenhou no sentido de acomodar ou não essas tensões? Elas persistem no Brasil contemporâneo?

Caio Navarro de Toledo – Pode-se dizer que em ambas as conjunturas – no pré-1964 e no momento atual – um programa de reformas sociais e econômicas deveria se impor no capitalismo brasileiro. Ou seja, as reformas socioeconômicas postuladas nos anos 1960 também seriam necessárias 50 anos depois – a reforma agrária, a reforma bancária, a reforma tributária, a reforma urbana, o controle do capital estrangeiro etc.

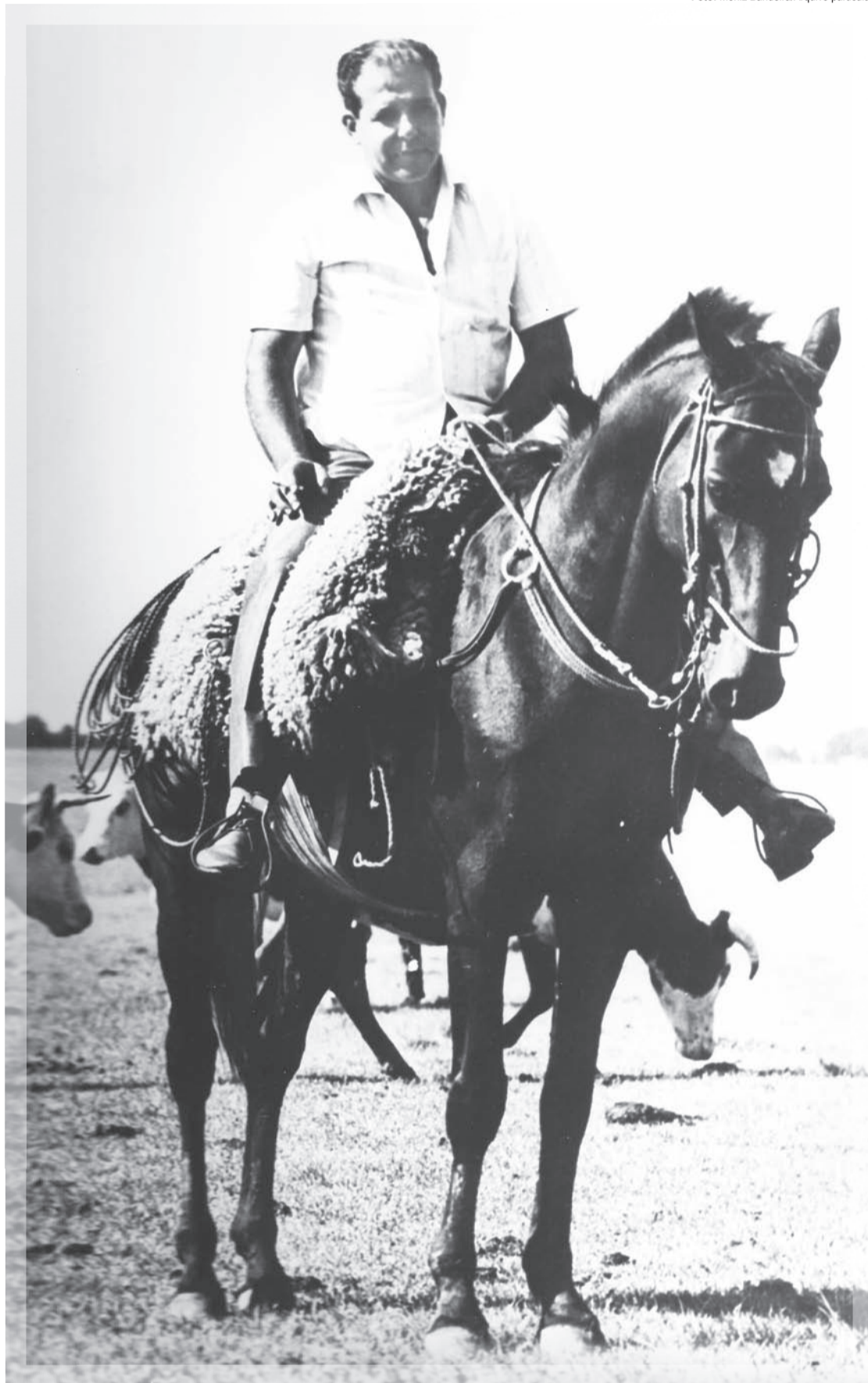
Talvez a maior diferença entre as duas conjunturas seja o fato de que, no pré-1964, as mobilizações sociais, particularmente nos últimos meses do governo Goulart, foram incentivadas pelo Executivo, pois eram vistas como recursos políticos importantes à realização das reformas. As manifestações não eram, pois, criminalizadas nem reprimidas pelo governo.

Hoje, nas ruas e praças da atual conjuntura, as mudanças reivindicadas têm como principais protagonistas os estudantes (setores médios) e alguns movimentos sociais de extração popular, apoiados por partidos políticos socialistas. As bandeiras que, hoje, são desfaldadas nas ruas do país, contudo, não têm sido empunhadas pelas maiores centrais sindicais e partidos políticos congressuais.

Por sua vez, diante de ações que atentam contra o patrimônio de empresas privadas, particularmente bancos, o governo federal não tem hesitado em apelar para dispositivos da Lei de Segurança Nacional – herança da ditadura militar – a fim de ameaçar o conjunto dos manifestantes. Tropas do Exército têm sido cogitadas para reforçar a ação repressiva das PMs estaduais, particularmente no período da Copa da Fifa.

Concluindo: no pré-1964 os setores nacional-reformistas e de esquerda postulavam reformas do capitalismo brasileiro na direção daquilo que Florestan Fernandes chamou de “Revolução dentro da ordem”; hoje, as revoltas estudantis e as iniciativas dos movimentos sociais – por meio de seus programas e reivindicações – não parecem questionar os fundamentos da ordem econômico-social dominante.

O senhor enfoca a ausência de resistência ao golpe de 1964. Se entendi corretamente, a atitude e comportamento do então presidente João Goulart foram decisivos para que os militares assumissem o poder com tanta “facilidade”, por assim dizer. Mas, naquele contexto histórico e social, havia condições para resistência? E, caso houvesse, seria possível outro encaminhamento histórico?



João Goulart, presidente deposto pelos militares, em uma de suas fazendas

João Quartim de Moraes – No artigo, a ênfase foi sobre a ausência de resistência militar ao golpe. Uma esquadrilha da Força Aérea Brasileira (FAB) teria destruído as tropas comandadas pelo fascista [Olimpio] Mourão Filho, que desencadeou a sedição marchando de Minas Gerais para o Rio de Janeiro. Mas os oficiais da Aeronáutica fiéis à legalidade que tentaram decolar foram presos. O mesmo ocorreu com os oficiais do Exército que esboçaram resistência.

Bem antes dos que imaginam estar dizendo algo novo ao enfatizarem o caráter também “civil” do golpe de 1964, o saudoso Nelson Werneck Sodré, que participou do colóquio de 1994 no IFCH, sobre os 30 Anos do golpe, sublinhava com lúcida precisão que o golpe “foi político, embora operado por forças militares”.

Werneck Sodré sustenta que “os próprios empreiteiros do golpe” surpreenderam-se com a ausência de resistência militar por parte do governo, pois sabiam que Goulart dispunha de elementos militares suficientes para a resistência – embora não seja possível saber se ela seria bem sucedida. Na visão dele, o que paralisou a ação das forças militares a favor do governo foi a prévia derrota política das forças populares que o apoiavam.

Lembrando que, de 1945 em diante, as intervenções políticas das Forças Armadas foram inspiradas pelos partidos de direita, ligados aos latifundiários e à burguesia – salvo a do general Teixeira Lott para garantir a posse do presidente eleito Juscelino Kubitschek em 1955 –, Werneck Sodré constatou que os militares “devidamente dopados pelo anticomunismo e pela ação maciça da mídia”, acreditavam estar realmente salvando Deus, a Pátria e a Família.

O senhor aponta o papel decisivo desempenhado pelos Estados Unidos no sentido de apoiar e viabilizar a ascensão de governos militares na América Latina, num contexto em que se buscava conter uma suposta onda revolucionária esquerdista. Sem a influência dos Estados Unidos, o golpe de 1964 teria acontecido?

Luiz Alberto Moniz Bandeira – O golpe de Estado, que derrubou o governo João Goulart e destruiu o regime democrático no Brasil, não teria ocorrido se os Estados Unidos não o houvessem preparado e patrocinado. A documentação desclassificada não deixa a menor sombra de dúvida.

Após a Revolução Cubana, em 1960, as atenções dos Estados Unidos voltaram-se mais e mais para a América Latina e, particularmente, para o Brasil. Àquela época, a Junta Interamericana de Defesa (JID), por iniciativa do Pentágono, aprovou a Resolução XLVII, em dezembro de 1960, propondo que as Forças Armadas, percebidas como instituição mais estável e modernizadora no continente, empreendessem projetos de “ação cívica” e aumentassem sua participação no “desenvolvimento econômico e social das nações”.

Em seguida, janeiro de 1961, John F. Kennedy, ao assumir a presidência dos Estados Unidos, anunciou sua intenção de implementar uma estratégia tanto terapêutica quanto profilática com o objetivo de derrotar a subversão onde quer que se manifestasse.

E o Pentágono tratou de priorizar, na estratégia de segurança continental, não mais a hipótese de guerra (HP) contra um inimigo externo, extracontinental (União Soviética e China), porém a hipótese de guerra contra o inimigo interno, isto é, a subversão.

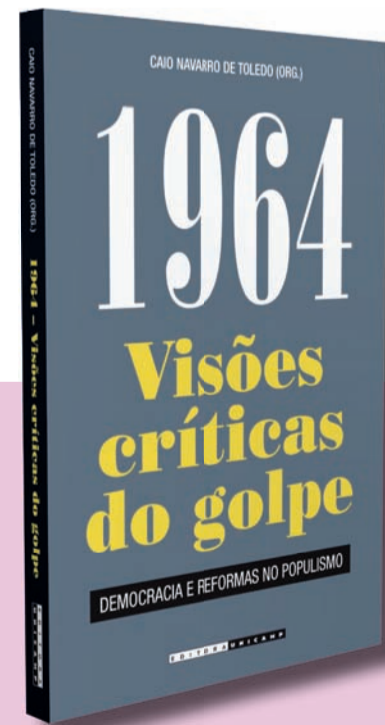
Essas diretrizes, complementando a doutrina da contra insurgência, foram transmitidas, através da JID e das escolas militares no Canal do Panamá, às Forças Armadas da América Latina, região à qual o presidente Kennedy repetidamente se referiu como “the most critical area and the most dangerous area in the world” [a região mais crítica e mais perigosa no mundo].

O surto de golpes desfechados pelas Forças Armadas no continente, a partir de então não decorreu somente de fatores domésticos, mas, principalmente, da mutação na estratégia de segurança do hemisfério realizada pelo Pentágono, com o fito de submeter às diretrizes de Washington dos países que recalcitravam e se opunham à intervenção e à ruptura relações com Cuba.

Essas intervenções militares na política doméstica, induzidas pelos Estados Unidos, constituíram batalhas da hidden World War Three, da Guerra Fria. Constituíram um fenômeno de política internacional, aí fora necessário criar as condições objetivas, tanto econômicas quanto sociais e políticas, que compelissem as Forças Armadas a derrubar governos contrários aos interesses dos Estados Unidos.

A CIA dedicou-se, então a promover *spoiling operations*, operações de engodo, uma das quais consistia em penetrar nas organizações políticas, estudantis, trabalhistas e outras para induzir artificialmente a radicalização da crise, a fim de criar as condições para a intervenção das Forças Armadas. Com efeito, o golpe militar de 1964 foi made in USA, ou seja, planejado, articulado e impulsionado por Washington. O Pentágono, a partir de julho de 1963, começou a elaborar vários planos de contingência, denominados “Brother Sam”, que consistiam no envio de uma força-tarefa, com o porta-aviões Forrestal, para o litoral do Brasil, com a missão de dar apoio logístico aos insurgentes e desembarcar marines, se o golpe de Estado desencadeasse uma guerra civil.

O presidente João Goulart, informado sobre a preparação dos Estados Unidos para intervir militarmente e dividir o Brasil, percebeu que qualquer resistência poderia representar um gesto heróico, porém não passaria de uma aventura, inútil o derramamento de sangue, uma “sanguieira” inútil, conforme sua própria expressão.



SERVIÇO

Título: 1964 – Visões críticas do golpe: democracia e reformas no populismo

Organização: Caio Navarro de Toledo

Páginas: 208 páginas

Preço: R\$ 40,00

Editora da Unicamp